



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

ROSÂNGELA RODRIGUES GOMES

**PRÁTICAS CULTURAIS NA COMUNIDADE DE CAPOEIRAS EM
MACAÍBA-RN: pontos de convergência e divergência entre o
antigo e o novo**

**GUARABIRA – PB
2016**

ROSÂNGELA RODRIGUES GOMES

**PRÁTICAS CULTURAIS NA COMUNIDADE DE CAPOEIRAS EM
MACAÍBA-RN: pontos de convergência e divergência entre o
antigo e o novo**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira - CH, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Professor Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

GUARABIRA – PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G633p Gomes, Rosângela Rodrigues
Práticas culturais na comunidade de capoeiras em Macaíba-
RN: [manuscrito] : pontos de convergência e divergência entre o
antigo e o novo / RosÂngela Rodrigues Gomes. - 2016.
24 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Waldeci Ferreira Chagas, Departamento de
História".

1. Práticas Culturais. 2. Sociedade. 3. Comportamento. I.
Título.

21. ed. CDD 370.117

ROSÂNGELA RODRIGUES GOMES

**PRÁTICAS CULTURAIS NA COMUNIDADE DECAPOEIRAS EM
MACAÍBA-RN: pontos de convergência e divergência entre o
antigo e o novo**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação do Curso de História,
da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III,
Guarabira - CH, como parte dos requisitos
necessários para obtenção do grau de Licenciada
em História.

Aprovada em: 25/10/2016

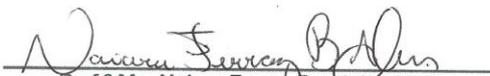
Banca Examinadora



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)
(Orientador)



Prof.ª Dr.ª Simone da Silva Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)
Examinadora



Prof.ª Ms. Naiara Ferraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)
Examinadora

GUARABIRA - PB
2016

A Deus, sobre todas as coisas, por ter estado sempre em meus pensamentos, meu coração, renovando minhas forças nos momentos difíceis.

A Severino Fábio Ribeiro da Cunha (in memoriam) um anjo que passou em minha vida, meu inseparável companheiro por 10 anos, grande incentivador e motivador, responsável por essa conquista.

A comunidade de Capoeiras, por sua inspiradora história. As famílias entrevistadas por sua receptividade e carinho.

Aos meus familiares e amigos por estarem sempre ao meu lado.
Dedico.

AGRADECIMENTOS

A todos os/as professores/as que fazem parte do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus de Guarabira;

Em especial, ao meu orientador, professor e mentor intelectual, que me auxiliou neste trabalho contribuindo para a realização de um sonho, minha formação acadêmica.

A todos os/as funcionários/as da UEPB pelos serviços prestados. Meus sinceros agradecimentos.

PRÁTICAS CULTURAIS NA COMUNIDADE DE CAPOEIRAS EM MACAÍBA-RN: pontos de convergência e divergência entre o antigo e o novo

GOMES, Rosângela Rodrigues¹

RESUMO

Este trabalho intitulado “**PRÁTICAS CULTURAIS NO ASSENTAMENTO COMUNIDADE DE CAPOEIRAS EM MACAÍBA-RN: pontos de convergência e divergência entre o antigo e o novo**”, discute sobre o comportamento cultural desta comunidade a partir da relação cultura e história, e identifica as frequentes mudanças no pensamento e modo de vida dos moradores/as quanto as práticas culturais e sociais desenvolvidas nesta comunidade. Utilizamos como percurso metodológico e instrumento de pesquisa a observação do cotidiano da comunidade e nele enfatizamos as práticas culturais. Também realizamos pesquisa de caráter bibliográfico a luz de autores que conceituam as práticas culturais enquanto comportamento social e humano. A partir destes instrumentos de pesquisa identificamos e caracterizamos as práticas culturais antigas e as que foram incorporadas na contemporaneidade. Concluímos que em meio as recentes mudanças a comunidade mantém a sua essencialidade, visto ser identificada pelos/as moradores/as como lugar de preservação e fortalecimento das suas origens e através das suas práticas culturais se reconhecem, se redescobrem, e desenvolvem o sentimento comunitário de pertença.

Palavras-chave: Práticas Culturais. Sociedade. Comportamento.

¹Graduanda em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, Campus Guarabira).

ABSTRACT

This work entitled "CULTURAL PRACTICES IN SETTLEMENT CAPOEIRASEM COMMUNITY Macaíba-RN: points of convergence and divergence between the old and the new," discusses the cultural behavior of this community from the relationship culture and history, and identifies the frequent changes in thinking and way of life of the residents / as the cultural and social practices developed in this community. We used as a methodological approach and research tool observing the community daily and it emphasized cultural practices. We also carry out bibliographical research to light authors conceptualize cultural practices as a social and human behavior. From these research tools identify and characterize the ancient cultural practices and those that have been incorporated in the contemporary world. We conclude that among the recent changes the community maintain their essentiality, as it is identified by / the residents / as a place of preservation and strengthening of its origins and through their cultural practices are recognized, to rediscover and develop the community feeling belonging.

Keywords: Cultural Practices. Society. Behavior.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu do interesse em analisar e destacar as práticas culturais como veículo responsável pela preservação histórica, identitária e cultural de um povo, em particular da comunidade remanescente de quilombo **Capoeiras**, que se localiza no município de Macaíba no Rio Grande do Norte.

Esse estudo foi desenvolvido com base na observação da vivência dos moradores, entrevistas informais e focalizadas, fazendo uso ainda de pesquisas sobre estudos bibliográficos que retratam a comunidade em análise, considerando seu tempo histórico e propondo uma comparação entre as práticas culturais antigas e as que foram incorporadas num passado mais recente, problematizando assim sua essencialidade na identificação, na preservação e fortalecimento das origens de um povo que, através das suas práticas culturais se reconhecem, se redescobre, e desenvolve o sentimento comunitário de pertença. Essa importância no contexto da pesquisa também é identificada no estudo de Albuquerque (2013, p. 316):

Em se tratando de vivências Quilombolas, o diálogo entre as fontes passa a contemplar experiências e pontos de vista distintos, contraditórios, ambíguos, que tendem a se completar mutuamente, pois argumentam coletivamente diante de uma problemática comum - a luta pela afirmação de uma identidade.

Esta análise estende-se ainda às características da comunidade, ao reconhecimento da mesma como sendo remanescente de quilombo, assim como o estudo das práticas culturais existentes e sua apresentação ao longo do tempo.

O presente artigo encontra-se subdividido em quatro partes; a primeira descreve a comunidade, suas características físicas e sociais. A segunda remonta a origem da comunidade, baseada na pesquisa de LYRA (2009), onde a mesma é apresentada, reconhecida e confirmada pelos moradores. A terceira parte se dedica a conceituar o termo cultura e cultura quilombola. Na quarta parte são apresentadas as práticas culturais específicas da comunidade e finaliza-se a problemática expondo a importância das práticas culturais para preservação e valorização da cultura local, comparando sua evolução no decorrer do tempo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A temática quilombola vem sendo bastante discutida nas últimas décadas no Brasil, através de estudos e pesquisas que analisam seu significado e as transformações que o mesmo apresenta ao longo do tempo.

A expressão quilombo trata-se de um conceito próprio dos africanos bantos que vem sendo modificado através dos séculos conforme retrata a pesquisa pioneira elaborada por Lopes, Siqueira e Nascimento (1987, p. 27-28), Quilombo [...] "Quer dizer acampamento guerreiro na floresta", "sendo entendido ainda em Angola como divisão administrativa".

No Brasil essa expressão é utilizada desde o período colonial, quando o Conselho Ultramarino de 1740 definiu Quilombo como "toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles".

Esta caracterização descritiva se manteve como definição do conceito de quilombo e influenciou estudos ligados à temática até meados nos anos 1970 como podemos constatar nas pesquisas de Artur Ramos (1953) e Edson Carneiro (1957). Que tinham como traço comum atribuir ao quilombo um tempo histórico passado, referenciado apenas pelo período de escravidão no Brasil, aparecendo como espaço de resistência e isolamento da população negra.

Embora os trabalhos destes autores sejam importantes e legítimos, eles não abarcam, porém, a diversidade das relações entre escravos e sociedade, nem as diferentes formas pelas quais os grupos negros apropriaram-se da terra, conforme afirmam (Schmitt; Turatti; Carvalho, 2002):

Esta visão reduzida que se tinha das comunidades rurais negras refletia, na verdade, "invisibilidade" produzida pela história oficial, cuja ideologia, propositadamente, ignora os efeitos da escravidão na sociedade brasileira (GUSMÃO, 1996) e, especialmente, os efeitos da inexistência de uma política governamental que regularizasse as posses de terras, extremamente comuns à época, de grupos e/ou famílias negras após a abolição conforme comprovam os estudos de Ciro Cardoso (1987). (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002, p. 2).

Após ficarem anos no obscurantismo, as comunidades negras rurais voltam à cena na Constituição Federal de 1988, quando são citadas no Art. 68

do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT): “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

Esse processo legal abriu portas para que se consolidassem as lutas do campesinato negro pela posse de suas terras, no entanto a definição de “remanescentes das comunidades de quilombo”, se mostrou problemática, como observa Fiabani:

Reconheciam-se os direitos à terra de comunidades oriundas dos antigos quilombos, as quais existiam poucas. Portanto, as demais comunidades negras não estariam contempladas pela Lei. Oliveira Jr. registra claramente o impasse determinado pela Disposição Transitória: “[...] se seguida a noção tradicional de quilombo como grupo de negros fugidos, dificilmente se encontraria remanescentes atuais para ocupar suas terras (FIABANI, 2007, p. 7)

Somente com O decreto 4.887/2003 que regulamenta a identificação e reconhecimento dos remanescentes de quilombos, o conceito se estendeu, e passou a abranger outros aspectos para o reconhecimento das comunidades, conforme o art. 2^odo decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

A caracterização dos remanescentes de quilombo passou a ser atestada mediante auto definição da própria comunidade. Neste contexto que considera a trajetória histórica das comunidades e sua auto definição como requisitos básicos necessários para o reconhecimento e titulação das terras, nos apropriamos da análise do nosso objeto direto de estudo as Práticas Culturais, como peça fundamental nesse processo, onde é necessária a comprovação de alguma ligação histórica com um passado que apresente algum resquício identitária afro-brasileiro.

Diante desse processo, identificar através da etnia e cultura quem somos como chegamos e quais são nossas raízes é fundamental no processo de conhecimento de um povo, de uma sociedade, de uma cultura e sua história.

A cultura quilombola, aqui apresentada como disseminadora de vínculos, valores sociais e culturais, será foco central da nossa discussão, principalmente no âmbito das práticas desenvolvidas na comunidade em estudo. “A cultura quilombola, enquanto esfera social permite aos indivíduos expressarem seus valores e princípios e vincularem-se de forma simbólica e afetiva ao grupo” (FURTADO, 2014, p. 107).

A análise das comunidades remanescentes de quilombos apresenta ainda uma ligação estreita com a terra e as práticas agrícolas, construindo um ambiente característico onde os moradores se reconheçam e são identificados, assim como o sertanejo, que igualmente possui laços entre lugar e cultura como constata Moreira (2013, p. 12) em seu trabalho citando Almeida (2008, p 47).

Explicando a apropriação da paisagem natural e a transformação do meio ambiente pelo homem. Essas paisagens possuem significados simbólicos e "refletem as formas de como os seres humanos interiorizam o espaço e a natureza e os integra ao seu próprio sistema cultural" (ALMEIDA, 2008, p. 47).

Sendo assim as comunidades remanescentes de quilombos remontam um cenário próprio, onde suas características são evidenciadas e ressignificadas. Capoeiras apresenta-se como uma comunidade negra ascendente de escravizados, seus moradores se auto reconhecem e se faz reconhecer, como remanescente de quilombo, amparada pela lei constitucional de 1998 em seu artigo 98, e pelo decreto 4.887/2003 que regulamenta a identificação e reconhecimento dos remanescentes de quilombos, delimita e demarca as terras ocupadas pelos quilombolas estabelecendo assim, territorialidade e identidade nesse cenário marcado por luta.

2.1 CAPOEIRAS - MACAÍBA RN

A Comunidade de Capoeiras se localiza na zona rural do Município de Macaíba - RN distante 35 km do centro da cidade e a 60 km da capital do Estado, localidade que se caracteriza como ponto de convergência essencial em nossa discussão. Sendo assim, o município de Macaíba integra a região metropolitana de Natal e ocupa uma área de 906.744 hectares.

Capoeiras é uma comunidade rural formada por ascendentes de escravizados, atualmente apresenta uma população de 376 famílias, cada uma com cerca de quatro integrantes, essa forma de contagem se estabeleceu a partir do levantamento antropológico realizado por Miller (2007), numa parceria entre UFRN e INCRA, esses dados foram atualizados segundo informações repassadas pelo Senhor Manoel Batista. A história de Capoeira está registrada em vários fragmentos de obras publicadas por autores diversos, conforme os trechos abaixo enunciam:

Capoeiras ocupa uma área rural situada geograficamente no município de Macaíba, a 65 quilômetros de Natal. A historiografia do município remonta o início do século XVII, no ano de 1614, quando o Capitão Francisco Rodrigues Coelho recebeu algumas datas de terra, que deram origem ao Ferreiro Torto e ergueu o segundo Engenho da Capitania do Rio Grande: o Engenho Potengi. 04 No final do século XIII, o núcleo demográfico de Macaíba era conhecido como *Povoação de Coité* com a existência de terras de plantios, algumas fazendas e sítios (CASCUDO 1984).

O topônimo Coité provém de um tipo de vegetação, árvore de grande fruto não comestível, que servia para fazer vasilhas, encontrada nas terras de Fabrício Gomes de Pedrosa, fundador da cidade de Macaíba, presidente da Intendência de Natal, comprador e exportador de açúcar e algodão para o exterior e para o Porto do Guarapes (SILVA, 2003).

É composta hoje por cerca de 330 famílias que vivem principalmente da atividade agrícola e da pequena produção agropecuária, criação de pequenos animais: galinha, porco, bode para consumo doméstico; e comercialização da farinha da mandioca, das aposentadorias, pensões, dos auxílios financeiros dos programas federais (bolsa família, cesta básica do “Fome Zero”, Programa do Leite para crianças, entre outros) (FREIRE, 2014, p. 5)

A comunidade possui infraestrutura básica, com energia elétrica, rede telefônica, abastecimento de água, coleta de lixo, somente a avenida central é asfaltada, possui um posto de saúde, uma escola de ensino fundamental que atende alunos até o quinto ano, possui creche, quadra de esportes, uma igreja católica e três evangélicas.

O sistema de transporte público é realizado por duas linhas de ônibus Capoeiras/Bom Jesus, Capoeiras/Natal. Possui ainda uma Cooperativa de beneficiamento de mandioca e casa de farinha. A comunidade é representada politicamente através da Associação de Moradores, é bem estruturada culturalmente, possui um ponto de cultura, e uma academia de Capoeira.

A fonte de renda da comunidade se baseia na atividade agrícola, na comercialização da farinha de mandioca, na criação de animais de pequeno porte, galinhas, porcos e bodes. Os moradores também são atendidos pelos programas sociais do governo federal como bolsa família, fome zero e também por pensões e aposentadorias. Alguns jovens trabalham na capital em diferentes segmentos.

2.2 ORIGENS DE CAPOEIRAS

A Origem de Capoeiras será apresentada com base na pesquisa de Lyra (2009) visto este pesquisador relata que:

O primeiro núcleo populacional de Capoeiras surgiu por volta de 1847. Eram de três a quatro famílias de escravos fugidos do Engenho Ferreiro Torto, um dos primeiros engenhos do RN, localizado em Macaíba. Lá sofriam maus tratos da senhora do Engenho D. Maria Rosa de Moura. Em 1875, o Coronel Estevam José de Moura, viúvo de D. Maria Rosa de Moura, num gesto pioneiro alforriou todos os escravos do engenho assegurando aos que permanecessem um salário dentro das suas novas possibilidades e aos que moravam no quilombo de Capoeiras proporcionou-lhes a posse daquelas terras, que pertenciam aos domínios do Engenho. Através da ação do clube abolicionista de Macaíba, Augusto Severo e Prudente Alecrim trouxeram para Capoeiras os escravos roubados e fugidos dos engenhos do litoral. Nessa perspectiva, Capoeira passou a ser centro aglutinador de toda ação abolicionista do litoral, recebendo os escravos oriundos dos engenhos litorâneos e mesmo das cidades vizinhas. Em 1889, com a proclamação da República o governo republicano formalizou o registro civil. Os ex-escravos atendiam pelos seus respectivos nomes, seguidos do lugar de origem ou engenho a que pertenciam. Muitos deles passaram a adotar os nomes de seus antigos senhores, foi o caso de Capoeiras, onde a população adotou o sobrenome Moura nome do antigo senhor que lhes deu a liberdade e a terra. Na comunidade existe um cruzeiro que foi erguido pelo padre João Maria, vigário de Natal e abolicionista local. Depois vinha sempre uma vez por mês a Macaíba oficializar os sacramentos do batismo, casamento e unção dos moradores de Capoeiras. O cruzeiro marca o local dos eventos na falta da capela. Por muito tempo os moradores casavam-se entre si. Não aceitavam pessoas de outros lugares (LYRA, 2009, p 01).

Conforme afirma seu Manoel Batista presidente da Associação de Moradores que acompanha todo processo desde o início, Capoeiras atualmente está envolta no processo de titulação de suas terras. A comunidade foi reconhecida oficialmente como remanescente de quilombos em 2009 e

juntamente com o levantamento antropológico necessário para o reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo, Seu Manoel nos conta que foi realizado com os moradores um trabalho de conscientização e valorização da cultura negra, pela Instituição Quilombo Natal-RN, com o objetivo de despertar nos moradores da comunidade o orgulho de suas origens assim como a conscientização dos direitos por eles adquiridos. O trabalho resultou na conscientização geral da comunidade, hoje todos os moradores se reconhecem negros e se orgulham de sua etnia.

3 CULTURA ECULTURA QUILOMBOLA

A cultura atua como veículo identificador social entre diferentes povos, fazendo-se necessária a análise cultural e o desenvolvimento de suas práticas para o estudo de qualquer grupo social humano. A cultura e suas práticas nos norteiam para o entendimento histórico e social de um povo em sua complexibilidade e especificidades. A cultura torna-se responsável pelo que somos, e pelo comportamento que desenvolvemos diante de um determinado ambiente, partindo desse pensamento podemos nos apropriar da afirmativa de Furtado quando relata que:

A cultura deve ser compreendida como campo simbólico, por possibilitar aos sujeitos uma complexa rede de relações sociais capaz de significações por meio de símbolos, signos, práticas e valores. Neste contexto as comunidades passam a ser compreendidas a partir de suas singularidades, individualidades e estrutura específica (FURTADO, 2014, p 107).

A cultura quilombola rica em suas contribuições enquanto etnia afrodescendente e colaboradora da construção social brasileira será observada através de suas práticas, em particular na comunidade de Capoeiras, onde tem contribuído significativamente de diferentes formas na integração social e resgate histórico desse povo e de suas origens.

A cultura quilombola por ser um espaço de trocas e compartilhamentos de conteúdos simbólicos e afetivos, caracteriza-se em uma instância que preserva elementos de um passado histórico e social e que proporciona um posicionamento subjetivo do sujeito ao reconhecer-se nesse passado (FURTADO, 2014, p 114).

A cultura desenvolvida e disseminada no interior das comunidades tornam-se símbolos de resistência social e resgate histórico, por remontar e retransmitir costumes que desperta sua identidade étnica de forma natural, muitas vezes sem se dar conta de sua responsabilidade enquanto ser preservador e transmissor da cultura propriamente dita.

(...) é possível afirmar que a cultura, as formas de vida, os costumes, transmitidos com o passar do tempo destas comunidades têm sido importante para a formação da identidade. É preciso atentar-se para que a ação do tempo não destrua traços originais que asseguram a identidade de um grupo. Sobretudo se essa “memória identitária” é condição de sobrevivência de uma comunidade (TEIXEIRA, 2010, p.49).

4 PRÁTICAS CULTURAIS NA COMUNIDADE EM CAPOEIRAS- RN

As práticas culturais têm um papel fundamental no processo crescente de valorização e fortalecimento da cultura na comunidade. Fato visivelmente constatado ao observarmos a comunidade de Capoeiras.

De acordo com as pessoas que contribuíram com a pesquisa a dança do pau furado é a pratica cultural mais antiga desenvolvida na comunidade, a pessoa responsável pelo ponto de cultura onde atualmente acontecem as aulas do projeto pau furado juvenil se negou a colaborar, alegando que estava produzindo um trabalho acadêmico e não queria compartilhar as informações que tinha. Diante da recusa consideramos apenas as informações cedidas gentilmente pelos moradores locais, em especial Dona Francisca Marques, conhecida na comunidade como Dona Totota, e as professoras Maria José Freitas e Joana Geraldo dos Santos. Assim como faremos uso de alguns autores que trabalharam essa temática.

A dança do Pau Furado tem sua origem vinculada a da comunidade, conforme expressa professora Joana em sua fala:

Que quando os primeiros negros chegaram aqui só havia mato e não havia diversão alguma, a dança era executada nessa época apenas por homens e era feita a com ingestão de cachaça, era o divertimento

que eles tinham, quando uma criança nascia eles dançavam para comemorar. Eles matavam animais e colocavam o couro em paus para fazer um tipo de tambor.

Essa é a história que conhecemos sobre a origem da dança relata Joana, explicando ainda, que a dança do pau furado se caracteriza como coco cantada, acompanhada por instrumentos de percussão. É uma dança circular, onde se destaca um ou dois dançarinos que se movimentam no centro da roda. A umbigada é o movimento característico desse estilo de dança e funciona para trocar integrantes do centro da roda.

Hoje a dança, é de formação mista, dançada tanto por homens quanto mulheres. Na dança dos adultos é utilizada uma fogueira cujo sentido simbólico é o de ascender os tambores. Existe na comunidade um grupo denominado de pau furado juvenil, formado por crianças e jovens que passam a assumir a tarefa de manter, viva a tradição de uma das mais importantes práticas culturais da comunidade.

O Pau-Furado é uma dança classificada como tradicional que é dançada há mais de cem anos pelo grupo, também referenciada por Zambê. Atualmente, assume nova reconfiguração, uma vez que o Pau-Furado de antigamente era brincado pelos mais velhos junto ao uso de bebidas alcoólicas. Presentemente, os jovens tomaram a iniciativa de ressignificar trazendo outra roupagem ao grupo, que perpassa, desde o uso de novos instrumentos musicais até a interdição da bebida (FREIRE, 2014, p. 07).



**FOTO 1 – Imagem da Dança Pau Furado – Projeto desenvolvido na comunidade quilombola – Macaíba – RN.
Fonte: Acervo da autora.**

No ponto de Cultura de Capoeiras, denominado de Baobá, várias atividades culturais são desenvolvidas, apesar de não ter tido acesso as dependências do ponto, durante a fase de pesquisa, colhemos informações com as moradoras citadas acima. A professora Joana que faz parte do grupo de monitoras da dança afro conta um pouco sobre as práticas inseridas mais recentemente na comunidade:

A dança Afro surgiu com o interesse da comunidade em adquirir mais uma atividade para ser realizada no ponto de cultura trouxe uma professora de dança especializada em cultura negra da cidade Natal, não recordo o nome dela, mas chegando na comunidade ela perguntou que tipo de dança tínhamos interesse em aprender, dissemos que uma dança que envolvesse crianças e jovens, ela nos apresentou a dança afro, que representa o contexto africano.

Era o que realmente queríamos isso foi no ano de 2006, rapidamente aprendemos e repassamos para as crianças, é uma dança destinada somente às meninas, e se tornou uma prática que também caracteriza a comunidade de Capoeiras, segundo Joana.



FOTO 2 – Imagem da Dança Afro – Projeto desenvolvido na comunidade quilombola – Macaíba – RN.

Fonte: Acervo da autora.

A Swingueira Quilombola, outra prática cultural desenvolvida na comunidade, é praticada a partir do ritmo baiano swingueira, e se enquadra nas práticas desenvolvidas mais recentemente na comunidade que objetiva diversificar as práticas existentes e atrair jovens que ainda não estão inseridos em outros projetos culturais pertencentes à comunidade.

Nesse sentido, pensar o Pau-furado, bem como, a Swingueira como veículo privilegiado para a organização de redes de sociabilidade, para o fortalecimento de sentimentos de pertença e para a construção de dinâmicas de mediação social, destacando-se o que se é esperado que os jovens façam nesses grupos e como está sendo colocado a questão da juventude nestes espaços sociais, como se dá a construção desses grupos que se aglutinam a juventude em torno dela (FREIRE, 2014, p. 6)

Segundo a autora estas danças são representações importantes para o fortalecimento da cultura local e o desenvolvimento de sentimento de pertença e identificação dos jovens com sua comunidade de origem.

A Capoeira se apresenta como outra prática cultural muito forte que se destaca na comunidade, estreitando laços, aproximando um povo de suas origens e resgatando sua história, já que a Capoeira é definida como uma prática disseminadora da cultura afro-brasileira.

A Capoeira se nasceu no Brasil, e foi gerada por africanos, então ela é afro-brasileira. Nem africana nem brasileira, é afro-brasileira (SILVA, 2003, p. 78).

Apesar da prática da Capoeira não ter sido originada na comunidade e retransmitida pelos moradores mais antigos, o grupo de Capoeira Guerreiros do Quilombo é conhecido na região e logo associado à comunidade.

A capoeira foi introduzida na localidade através de José Cordeiro de Freitas, conhecido como Mestre Fumaça. Segundo esse mestre, interessou-se pela capoeira ainda garoto depois de ter assistido a um filme que abordava esta temática. O interesse o levou a sair da comunidade para ter aulas de capoeira na cidade mais próxima, Bom Jesus, com o mestre Gavião.

A capoeira nessa época ainda era reprovada na região, inclusive por sua família, fato que o levou a sair muitas vezes escondido para o treino dessa prática que é considerada patrimônio cultural imaterial da humanidade.

O professor Fumaça se destacou na arte da capoeira, conheceu outros praticantes da luta, como mestre Canelão da capital do Estado e através dele a Ong Holandesa SOOS Brasil. Essa entidade ao tomar conhecimento da comunidade passou a disponibilizar incentivos financeiros que ajudaram na construção da sede da Academia Guerreiros do Quilombo, local destinado à prática e apresentações festivas de Capoeira. A Ong também instalou nas proximidades da academia uma horta comunitária, que hoje já não funciona devido à estiagem, e a falta de verba para manutenção dos cata-ventos utilizados para a irrigação, o contato com a Ong SOOS Brasil foi se perdendo ao longo do tempo.

Atualmente o Mestre Fumaça continua o trabalho social iniciado há 20 anos, dando aulas gratuitas aos jovens da comunidade sem nenhum tipo de ajuda financeira seja ela pública ou privada. A capoeira possibilitou a comunidade o resgate cultural e histórico de uma prática realizada pelos seus ancestrais proporcionando aos jovens da comunidade a valorização de sua auto

estima étnica. Além de envolver os jovens na prática de uma atividade física desperta o sentimento comunitário de pertencimento ao seu lugar de origem e a valorização e preservação de sua cultura e étnica. Os jovens praticantes da capoeira se sentem orgulhosos em representar a cultura afrodescendente assim como a cultura local.

Durante muitos anos, em nenhum país desse continente ou do mundo encontrava-se prática igual, apenas no Brasil. Essa manifestação cultural foi reconhecida como uma forma de expressão e registrada como Patrimônio Cultural Brasileiro. A Roda e o ofício dos Mestres foram inscritos nos Livros dos Saberes e das Formas de Expressão. É divulgada pelo mundo todo, levando além de si, a cultura nacional, pois realiza diversos shows com apresentações de diversas manifestações culturais brasileiras (NETO, 2009, p. 1)



**FOTO 3 – Apresentações Culturais grupo guerreiros do quilombo (Dança Maculelê)–
Projetos desenvolvido na comunidade quilombola – Macaíba – RN.
Fonte: Acervo da autora.**

As apresentações do grupo guerreiros do Quilombo encantam por sua habilidade e técnica. Além da apresentação tradicional da roda de capoeira, eles

ainda apresentam o maculelê, dança de origem indefinida que remonta os combates dos antigos guerreiros africanos.

O grupo se apresenta com vestimentas e adornos característicos e os integrantes fazem uso do fogo em suas apresentações, tornando-a um espetáculo belíssimo, muito requisitado no RN por diferentes entidades que tem como finalidade trabalhar a cultura popular brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise objetivou lançar olhar sobre uma das comunidades negras rurais descendentes de escravos as quais no passado recente vem adquirindo certa notoriedade, através de leis e decretos que foram aqui apresentados. O olhar foi lançado a comunidade que se pautou como objeto direto de nosso estudo, Capoeiras, comunidade que tem travado uma luta incessante no decorrer de sua história, com o intuito de sobrevivência, autonomia social e econômica, lembrando que as comunidades sofrem com o desamparo político e a invisibilidade social, como afirma FURTADO (2014, p.112) apud MIRANDA 2012:

O estigma da invisibilidade, atribuído a um passado histórico em que era necessário esconder-se para continuar existindo diante de um sistema colonialista opressor, é questionado na atualidade, pois essas comunidades tiveram que se tornarem visíveis, para reivindicar seus direitos perante o Estado. Direito como a posse de terra, o que faz da luta pela garantia dos territórios a principal bandeira do movimento quilombola na atualidade. Assim, os remanescentes de quilombos em enfrentado inúmeras questões perante a sociedade, e pressionando o Estado por espaço nas políticas públicas.

Considerando as dificuldades analisar a história de um povo composta de um passado marcado por diferentes lutas e uma atualidade não muito diferente é um desafio. Em Capoeiras os problemas encontrados clamam por soluções básicas, como educação, visto a comunidade só dispor de uma escola de Ensino Fundamental I e os alunos que desejarem seguir os estudos adiante, tem que se deslocar de seu ambiente natural e tão próprio, como única alternativa para continuar estudando.

O incentivo à cultura e a realização das práticas culturais, também é uma necessidade clamada pela comunidade, assim como programas específicos

destinados a comunidades quilombola, como tantos outros anseios sociais e econômicos sonhados pela comunidade. "Falta interesse por parte do governante" desabafa seu Manoel Batista presidente da Associação de Moradores.

As práticas realizadas na comunidade são frutos da luta e interesses dos próprios moradores em não deixar enfraquecer sua cultura e identidade. Eles se dedicam em prol dessa causa, visto objetivar a manutenção das suas origens, além de fortalecê-la e ressignificá-las através da inserção de novas práticas.

As práticas culturais de Capoeiras remontam a história da comunidade, nela o pau furado é símbolo de sua ancestralidade cultural e é preservado e ressignificado, o que possibilita aos mais jovens a participação e o despertar do interesse, através da nova roupagem e apresentação, cuidando para que sua essência não seja perdida e sim se torne acumuladora de novos significados.

As práticas incorporadas no decorrer da história da comunidade, apresenta semelhante importância, pois possibilita ao jovem conhecer e desenvolver práticas culturais realizadas por seus ancestrais a exemplo da capoeira e dança afro, assim como propicia o resgate e a identificação através dessas práticas e sua relação histórica.

As práticas apresentadas tanto as mais antigas como as que foram estrategicamente incorporadas no decorrer do tempo, se destacam como veículo principal na preservação, enriquecimento e fortalecimento tanto da cultura propriamente dita, como da história e principalmente como identificador dos moradores com seu espaço original.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Mauriceia Teixeira. **Espaços e práticas de sociabilidades: da Comunidade de Morro do Fortunato**. Garopaba- RS Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, 2013.

MOREIRA, Georgeany de Fátima Rodrigues. **Práticas e saberes populares no Quilombo**: a comunidade Kalunga do Engenho em Cavalcante- Goiás - ANPUH 2013

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombos e as novas etnias. In: O' Dwyer, E. C. (org.). **Quilombos. Identidade étnica e territorialidade**. RJ: ABA, Editora FGV, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm Acessado em: 23 de fevereiro de 2016.

FIABANI, Ademir. **Mato, palhoça e pilão**: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

FURTADO, Marcella Brasil. PEDROSA, Regina Lúcia Sucupira. ALVES, Cândida Beatriz. **Cultura, identidade e subjetividade quilombola**: uma leitura a partir da psicologia cultural. Universidade de Brasília, Brasília/DF, Brasil. 2014.

FREIRE, Máira Samara de Lima. **Dançando identidades**: juventude, quilombo e etnicidade. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal-RN, 2014.

LEITE, Ilka Boaventura. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 123-149, maio 1999.

LYRA, Anderson Tavares de. **Capoeiras** – a terra que o tempo esqueceu. 2009. Disponível em: <http://www.historiaegenealogia.com/2009/08/capoeiras-terra-que-o-tempo-esqueceu.html> Acessado em: 10 de junho de 2016.

NETO, José Olímpio Ferreira. Capoeira no contexto escolar: instrumento facilitador da aprendizagem. In: SANTOS, José Kennedy Silva dos. **Abrindo trilhas para os saberes**: formação humana, cultura e diversidade. Fortaleza: SEDUC-CE, 2009.

SILVA, Elizabeth Lima. **Políticas Públicas e Diversidade étnica cultural**: Um estudo da comunidade negra rural de Capoeiras- Macaíba/RN. Dissertação de

Mestrado em Serviço Social- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

SCHMITT, Alessandra. TURATTI, Maria Cecília Manzoli. CARVALHO, Maria Celina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade** - Ano V – Nº10 – 1ºSemestre de 2002.

TEIXEIRA, Leila Maria Prates. **Comunidade de Tomé Nunes: Memória e construção identitária no Alto Sertão Baiano**. Dissertação (Mestrado em História). UNEB, Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2010.